

TÁBUA

TIENEN QUE SER COSAS

CERTA VEZ, UM DOIDO

HÁ MAIS COISAS NO CÉU E NA TERRA

O BÚZIO

O MICROFONE

BOTÂNICA

OS AMANTES

PÁSSARO-SURPRESA

DIONYSOS

THE RIGHT MAN IN THE RIGHT PLACE

OS POETAS MENORES

QUATRO LIÇÕES

CAIXAS, OH!

A PROPÓSITO DE LADRÕES

ENIGMA

HISTORIETA CRUEL

O SÁBIO

A VIDA COMO ESPETÁCULO

O POETA SUICIDA-SE

AS VINTE PALAVRAS

SALÃO

TELEFONE

CÂNTICO

GRAVATA SAINDO DA MALA

PERFIS

MURALHAS DA CHINA

ALIGRAMA

EXISTIR É SER OPACO

NÃO, NÃO

OFICINA

HISTÓRIA UNIVERSAL

ISTO EU QUERO

EM LOUVOR

O QUE ÀS MÃOS ME VEM

O DELFIM

LIVRARIA SÃO JOSÉ - 1961

Orelhas do livro

Escrito de setembro de 1957 a abril de 1960 - este livro - SILÊNCIO ADENTRO - composto sob a direção de Nuno Vieira, acabou-se de imprimir em setembro de 1961 nas Oficinas da GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA. na Rua Visconde do Rio Branco, 33, no Rio de Janeiro GB.

"TIENEN QUE SER COSAS" – adverte Gomes de la Serna – "que se le aparecen a uno, no que uno las haga aparecer". O que acontecia: não as procurava, achava-as.

Mais: havia nele um conversador nato. Num salão, numa roda, ninguém para referir o fato do dia, glosar uma ideia, contar uma história grave ou perversa.

Não elevava o tom, aliás harmonioso. Tampouco gesticulava. Embora inquietamente agitasse às vezes a seca mão num movimento plástico a ilustrar o texto.

Em suas palavras mesmas, dentro delas, no fundo delas, que depositava a substância que as fazia deflagrar.

Nos lábios dele, escultor hábil, as palavras se despiam, funcionalmente se desnudavam na praça, para o ofício puro de expressar.

Era preciso (como um escritor disse de outro), ouvi-lo com os olhos, com os olhos principalmente.

Nem lhe faltava sense of humour. Sabia ver as coisas como parecem, mas também como são. E agradava-lhe estabelecer aproximações, virar pelo avesso inesperado as tessituras brilhantes.

Com o passar do tempo notaram os amigos que alguma coisa sobrevinha em sua intimidade. Não contava já as historietas maliciosas de antigamente, começou a utilizar-se numa espécie de parábolas, de hermetismos simbólicos.

Por último preferia calar; a pouco e pouco foi-se afastando do convívio deles. E na derradeira historieta que lhe ouviram – aquela de um homem que desaprendera de falar – confirmou-se a ulterior evolução. Depois, viajou ou foi guilhotinado, porque ninguém o viu nem dele teve notícia.

No papel, em letra de forma, estas fábulas sem lição (vamos afinal chamar assim) perdem muitíssimo. Enquanto esperamos da nova técnica o livro audi-visual, o leitor benévolo vai ter paciência, e colaborar: imaginando o que seriam tais fábulas nos lábios e no gesto do modelador das palavras.

I

CERTA VEZ, UM DOIDO

NUM pátio de Casa de Saúde, me chamou de lado e interpelou se eu também o julgava – agitou o dedo em espiral.

Evidente, a melhor política com um homem, doido ou não é concordar.

“Ora, por quem sois, Alteza.”

“Ah, eu sabia, Sr. Duque!”

Camaradamente me arrastando pelo braço através um corredor, parou comigo no vão da escada.

“Como se está bem em frente ao mar, pois não?”

“Decerto.”

Vi-o retirar aquela máscara, dolorosa e de pronto a face de um outro homem surgiu diante de mim.

“Mas então...”

“Psiu, as gaivotas podem ver e vão contar.”

Não disse mais; voltou as costas, ignorou-me, alheou-se – já ocupado no trabalho de afivelar a máscara, o doido.

HÁ MAIS COISAS NO CÉU E NA TERRA

UM DIA o inimigo da superstição (esta era a *bête noire* da alma dele) herdou um anel de escaravelho, relíquia de sarcófago do Egito, joia que vinha do tataravô.

No dia em que meteu no dedo o precioso objeto perdeu o bonde e bateram-lhe a carteira; logo caiu com a *sua* dor; na primeira vez que saiu à rua, ao driblar um auto, deu de testa num poste.

A joia havia feito algum sucesso entre os amigos. Agora, quando estes indagam por ela, enigmaticamente responde com Shakespeare:

*There are more things in heaven and earth, Horatio, than
are dreamt of in your philosophy.*

III

O BÚZIO

SOBRE A MINHA ESTANTE de discos tenho um búzio. É grande, lúcido, raiado como ágata – lembrança de um pescador.

Para mim esta concha retorcida a jeito de corneta era apenas objeto decorativo. Foi preciso vir meu filho para *descobri-lo*.

Leva o búzio ao ouvido e ele entrega-lhe o rugido das vagas, o bruaá do vento e outras ressonâncias.

Quando devo partir para viagem longa não deixo nunca de consultar meu filho – porque os elementos naturais gostam de pregar peças aos meteorologistas equipados de instrumentos de precisão e cálculos algébricos, para revelar os seus segredos a búzios e meninos.

IV

O MICROFONE

UM MICROFONE pode sugerir muita coisa. Tudo está em ter imaginação. Ou saber calar, porque o impulso natural diante da esguia figura é abrir a boca.

Um microfone, na haste ereta, não lembra verbigracia rígida flor de metal? Corretíssimo *gentleman* estendendo a xícara de chá? Amigo, magro e discreto, capaz de tudo ouvir?

Nada disto consolava o humanista.

Para o amargo, o microfone só alcançaria (não a perfeição), mas afinal a relativa utilidade, no dia em que a tela metálica filtrasse as mentiras e os lugares-comuns nos discursos dos homens.

BOTÂNICA

ERA UM HOMENZINHO sério, ninguém mais compenetrado da sua ciência, aquele naturalista.

O rigor matemático, a estatística, a experimentação, a observação reiterada e minuciosa, só isto satisfazia a sua ânsia de objetividade.

E passava os dias na estufa, entre as suas amadas plantas, ou debruçado sobre os alfobres, ao Sol, esquecia as refeições.

Um problema, na Botânica, o desesperava, porque se retraía aos seus métodos. Formulava-o assim:

“Que pensará de nós – humanos – a sensitiva (*Mimosa pudica*, L.) para tão prontamente se recolher à nossa aproximação?”

VI

OS AMANTES

HOUVE UM MOMENTO em que os amantes deixaram o banco e saíram andando. Sob as árvores da praça caminharam lado a lado.

O vento da tarde espalhava folhas pelo chão. Era no chão que os amantes punham os olhos em silêncio.

Doía na alma dele a lembrança dos dias antigos – quando ela chegava, não era a aurora que chegava? Ela o compreendeu, quis dizer uma palavra, não pôde.

Oh instante patético das despedidas, das angústias ocultas, das confidências a meio, das tergiversações !

Quando os amantes murmuraram adeus e se abraçaram, anoitecia na praça, dentro deles fez-se o caos.

VII

PÁSSARO-SURPRESA

UM PÁSSARO, talvez foragido de doméstico viveiro, ganhou a praia na clara manhã.

Na clara manhã, na praia, aqueles que levantavam castelos na areia e os que liam jornais à sombra das barracas e os voluptuosos da ardência perderam o espetáculo.

Súbito, todos os que patinavam na escassa margem de água até onde dá pé, foram candidatos à posse do pássaro aloucado, que ziguezagueou sobre cabeça e braços num voo rasante....

E veio.

E veio cair.

E veio cair nas mãos de um namorado, que o entregou sorrindo à namorada, de olhos espantadíssimos.

VIII

DIONYSOS

A OBRA DO ESCRITOR era um sim à vida, cântico exaltado a tudo quanto existe.

Aqueles que se acercavam de seus livros, deles saíam alevantados pela beleza e pelo amor.

Da morte, ele afirmava:

“O que eu sinto não é medo. Tenho certeza de que depois é o nada. O que eu sinto é ódio de desaparecer de todo.”

E, por isso, amava ainda mais a vida.

IX

THE RIGHT MAN IN THE RIGHT PLACE

TINHA SIDO um grande escritor. Nas obras que deixara, a *psique* da nacionalidade – expressão de um crítico – refletia-se com meridiana realidade.

No dia seguinte à sua morte os amigos começaram a endeusá-lo. Veio logo a estátua na praça – de corpo inteiro, segurando um livro – inaugurada com *flashs* de eloquência.

Entretanto o grande escritor fora uma criatura irônica, desdenhosa do público, de glórias. E não seria *post mortem* que deveria desmentir-se e à sua obra.

Foi o caso que, um dia, na praça, transeuntes estupefatos viram o homem de estátua baixar do pedestal e, sem pressa mas resoluta, ir atirar-se ao mar.

Sem demora, para aproveitar o pedestal vazio, empoleiraram ali um vereador.

OS POETAS MENORES

PENETREI UMA NOITE - coisas tais acontecem de noite – não no limbo, mas ali onde jazem as criações-rascunho, os personagens-abortos, os sonhos irrealizados dos grandes poetas.

Casualmente, atravessei um portal, e eis que dava para espécie de *playground* onde se encontravam os próprios poetas. Digo, os poetas menores.

Como eu espiasse surpreso, certa Musa, aliás de segunda mão, me esclareceu:

“Não mereciam o céu? Foram tão fiéis! Por isso lhes sopramos *uma* vez a inspiração. Daí o soneto único, a historieta feliz, a página antológica e, agora, a bem-aventurança.”

No tom de ama-seca da Musa não vislumbrei o mínimo vestígio de ironia.

XI

QUATRO LIÇÕES

O PAI DIZIA:

“Meu filho, não olhe nunca pelo buraco de uma fechadura”. E juntava argumentos decisivos.

Naturalmente ele fez o contrário – e recebeu o duro ensinamento.

Das impressões do tempo em que foi hipnotizado pelo feio vício, três o chocaram e uma quarta não pôde esquecer:

o general ensaiando gestos napoleônicos em frente ao espelho;

o padre decorando o sermão;

a princesa no colo do seu chofer; e

o jovem, com título de secretário, escrevendo livros que o “medalhão” assinava.

XII

CAIXAS, OH!

ESTE COLECIONA chapinhas; outro orquídeas ou gatos; cada um tem o seu *hobby*.

Ninguém para sentir como ele a beleza de uma caixa, e

Tinha-as quadradas, retangulares, ovais, oblongas, redondas; alvas, com frisos, sem, azuis-celeste, esverdeadas; as pequeninas dentro das grandes, as grandes dentro das grandalhonas – todas dentro do coração.

O seu dia mais feliz foi o do casamento; enquanto a noiva ia ao cabeleireiro, ele recebia os presentes; recebia, e atirando-os pela janela, guardava - as caixas, que orgia!

“Então, e a noivinha?”

“Hem ? Que noivinha ?”

Esta amargura roía o colecionador: não contar, entre as muitas, a caixa onde os amigos o levariam um dia para o céu, essoutra enorme caixa arredondada e perfeita.

XIII

A PROPÓSITO DE LADRÕES

SEMPRE ME PARECEU irônico o ofício de ladrão. Lá está o conselho evangélico: "Não queirais entesourar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem e os ladrões os desenterram e roubam."

Perfeito. Vai o homem ceva-se, amontoa

M A L A S

M O E D A S

M U L H E R E S

Bens

M Ó V E I S

I M Ó V E I S

Então cumpre-se a palavra: pícaros, na hora da Lua e dos gatos, enquanto o proprietário ronca, gatunamente levam tudo ou boa parte.

Sim, não era isto o que eu queria dizer. Quem sabe falar a propósito de ladrões é meu filho: "Papai, ladrão é um homem de mão grande ?".

XIV

ENIGMA

HORTÊNSIAS - azuis, brancas, rosas – junto à via férrea. Também floriam na margem do rio, descendo até banhar-se na água...

Aguardando a partida do trem, à janela, na gare matinal, o jovem não via as flores. Cabeça pululante de sonhos livrescos, filosofava. Considerava a multidimensão da palavra.

De repente ouviu:

“Que peso, hem !”

Era um padre. Passou deblaterando com o major e exibia-lhe um livro grosso. Logo pôde distinguir: tratava-se de uma coletânea de *Sermões*.

O que não pode atinar nunca foi: 1) se o homem de batina que falava ao de farda se referia à excelência da obra; 2) se ao tamanho enxundioso do volume; ou ainda – quem sabe! – 3) se ao possível azar que o livro houvera trazido para a sua carreira...

HISTORIETA CRUEL

HÁ COISAS TRAGICÔMICAS nesta nossa sociedade.

A burguesinha bonitinhazinha ia casar com o bachareletezinho bom-partido. O familório reuniu-se em mesa-redonda. Havia um segredo. Era preciso deliberar gravemente.

A meio do conclave, lencinho nos olhinhos, a prometida pegou a fazer beicinho, a chochorumingar e acabou-se votando nestes termos, a resolução heroica: ela mesma, na lua-de-mel, contaria ao interessado a história da operação.

E foi aí que ao trancar a porta os recém-casados no “enfim, sós!”, quando o vitorioso apertava nos braços a flor sonhada da virgindade, recebeu um certificado – com firma reconhecida, de um cirurgião, justificando a ausência do.

XVI

O SÁBIO

CARREGAVA UMA CABELEIRA, de prata e alvoroçada, mas não era maestro, sequer músico.

Poliglota. Dominava um rol de línguas mortas, silenciava noutras tantas vivas, nem ao todo sabia quantas.

Sobretudo era forte em etimologias. Neste terreno não havia problema intrincado, étimo, que ele não destrinçasse.

Tomava o vocábulo e, como faz o garoto ao boneco (mal comparando), punha-o pelo avesso.

“Cadáver, mestre?”

“Do latim: *ca* (ro) *da* (ta) *ver* (mibus), isto é, carne dada aos vermes.”

“E velhaco, mestre?”

“Esse, do próprio vernáculo, verificando-se a aglutinação ou síntese dos elementos analíticos: velho + caco = velhaco.”

No intervalo das vinte cátedras que regia, o sábio despachava artigos, estudinhos e correspondência para duzentas academias anglo-germânicas.

XVII

A VIDA COMO ESPETÁCULO

TENHO UM AMIGO que aos meus pessimismos contesta:

"Ora, a vida como espetáculo é formidável, senão repare."

E me atira às mãos braçadas de impressões que, afinal, pelo menos...

Coisas assim:

"Vi hoje uma velhota nariguda caminhando orgulhosa ao lado da jovem filha, espigadinha e também... nariguda."

"Assisti à seguinte cena: um homem com os olhos perfeitos atropelar de tombo um cego e sua bengala."

"Ontem no teatro (na plateia, não no palco), uma linda mulher ciciava à orelha do homem: "Meu tesouro ! Minha riqueza!" - e metia-lhe a mão no bolso, de onde pescava notas só de mil cruzeiros."

XVIII

O POETA SUICIDA-SE

AVIDA era indigna. A vida ofendia o humano orgulho. O poeta ia suicidar-se.

Retirou o fone do gancho, engatilhou o revólver e estava admirado da serenidade com que procedia na penúltima hora.

A mensagem era indispensável. O poeta que ia suicidar-se conhecia o seu dever. Conhecia. Sentou-se à mesa para cumpri-lo.

Os galos cantavam; não para ele. Noite adentro, o poeta que ia suicidar-se avançava, escrevendo escrevendo escrevendo.

No fim, releu.

(Não há, para criar, como em estado de tensão!)

Quando a primeira claridade fez psiu na vidraça, o poeta acabava o poema. E como cabeceava de sono, foi dormir.

XIX

AS VINTE PALAVRAS

PEDIRAM A ELE as vinte palavras mais bonitas. Respondeu que as vinte palavras mais bonitas da língua eram quarenta.

E citou sessenta:

“Penumbra, Insônia, Serenata, Gruta, Goivo, Túmulo, Névoa, Madrugada, Clarim, Garoto, Camundongo, Saudade, Jururu, Arandela, Penugem, Unção, Mamãe, Guerreiro, Estridente, Vivandeira, Silhueta, Pubescência, Virgínia, Nupcial, Bolinar, Luxúria, Cangote, Sargaços, Salsugem, Vulva, Valva, Vermelho, Voluptuoso, Candelabro, Solenemente, Cardinalício, Filodendro, Zíngaros, Casuarina, Sondagem, Sal-gema, Chalupa, Musgo, Trêmulo, Quimera, Peregrino, Chinfrim, Aoprado, Nêspers, Crepúsculo, Tédio, Nenúfar, Presságio, Sortilégio, Melancolia, Notívago, Abismo, Magnólia e Paz.”

XX

SALÃO

JÁ TINHAM FLAMADO todos os paradoxos. A poesia do poeta B. estava superada pela do poeta C; o crítico A.R. não veiculava mensagem nenhuma; a ficção do romancista D. colocava problemas, sim, mas não apresentava soluções; todos os presentes, sem exceção eram gênios.

Os donos da casa, orgulhosos do pequeno grupo de fiéis, sorriam mandarinamente.

À sobremesa alguém anunciou que trazia um “número” para a noite: cada pessoa confessaria, de público, a ação que mais a envergonhava.

Original! Formidável! Eis cada conviva a rebuscar no poço, a dourar a mentira elegante que melhor escandalizasse.

Para dizer tudo, a reunião acabou cerce e amarelamente. Deles, um escolhendo o pior momento para vingar-se *de não ser mais*, com todas as letras declarou que *era* o terceiro lado do triângulo... anfitriônico.

XXI

TELEFONE

DEPOIS AQUELA AMIZADE de encontros diários, de cartas intensas numa fase de viagens, aí virou telefônica.

Negócios, família, a vida absorviam os dois amigos por vias paralelas, na Grande Cidade, que nunca se viam.

Um ano.

Dois anos.

Cinco anos – o tempo passa.

Mas até que estreitara os laços, como se diz, tinham longos, interessados, cordialíssimos bate-papos – pelo telefone.

Certa feita que o acaso os juntou sob uma marquise, esta entrevista foi uma ligação interrompida. Linhas cruzadas, não sabiam o que se dizer, até o timbre das vozes soava em falsete: eram dois estranhos.

“Adeus”.

“Abraço, hem !”

Então foram se pendurar ao telefone – e cordialíssimos recommçaram os longos, interessados, bate-papos entre os dois amigos da Grande Cidade.

XXII

CÂNTICO

ENCONTROU-SE a eterna Sulamita com o amado.

“Por que me queres tanto ?” ele disse.

Ela respondeu: “Detesto os porquês, Só sei que te quero, e me basta.”

“Sou uma chama que te consome.”

“É bom demais arder nessa chama.”

“Sou tão imperfeito.”

“Preciso de ti infinitamente.”

“Infinito só Deus.”

“É através de ti que O vejo.”

Então o mundo foi criado de novo.

XXIII

GRAVATA SAINDO DA MALA

PELAS MANHÃS - Quijote, cavalgo Rocinante, desfaço agravos, brigo com moinhos de vento nos campos de Espanha, recrio Sancho, meu fiel escudeiro, engendro Dulcinéia.

Hamlet pelas tardes, noite adentro me entrevisto com o fantasma de meu pai na plataforma de Elsinor, roo o osso da vingança, vomito os mitos, não assassino, mando-a com rompante para o lupanar, à bela Ofélia, essa ninfa.

Dejejuo alegria, janto melancolia.

Bonito, até rima, e mais: poesia, cavalaria, altanaria, magia, alquimia... Mas só escamoteia, não resolve. Eu digo: NÃO RESOLVE, Velho.

Ah, não nascer Filósofo Alemão, a ponta de gravata saindo da mala, eu – zás! – à tesoura, $2 + 2 = 4$, e não amola, sim !

XXIV

PERFIS

ASSIM QUE OS OLHOS verdes no rosto moreno surgiram na janela e a adolescente chamou, todas as flores da jardineira despertaram para responder.

Era um desmentido às teorias: baixote e gorducho como o escudeiro Sancho Panza – com o espírito e as paixões do outro, do esguio e ossudo ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha.

“Meu amigo C.O. – anotava o amoroso infeliz em seu diário – “dedica-se a leituras do teatro trágico, onde segundo ele “espelham-se as mais altas virtualidades do coração humano”, e ao mesmo tempo, condena minha paixão sem esperança por S***”

A vocação daquele artista mergulhava as raízes no subsolo da infância, que ele não amava, por dolorosa demais.

“Quando desejo estudar a minha arte – dizia o pintor – largo os meus pincéis, e vou tomar lições com o arco-íris.”

“Papai – pergunta o menino – por que é que nós não temos asas, como os passarinhos?”

XXV

MURALHAS DA CHINA

NASCE o dia. Águas cantam nas fontes. Rosas vermelham nos jardins do mundo. Vêm abelhas buscar mel nas corolas, enquanto os pardais esvoaçam, perseguem-se em amor.

Vai porém, um homem pela rua. De repente esse homem encontra outro homem. E a muralha cresce! Cada qual engatilha a metralhadora, afia o seu punhal de bolso.

Ei-los. Falam, falam, e a muralha a fabricar-se ali, pelas mãos deles. Alta e espessa: pedra sobre pedra, em sólida argamassa.

É por isso que às vezes um levanta a voz. Até grita ou berra. Está se pondo na ponta dos pés, a estirar o braço por cima, por cima da muralha. Por vezes, também praticam um buraco (pequeno) no paredão:" – "Ô você !" "- Fala, querido !"

Palavras. Mal se vislumbra – levariam anos-luz para se descobrir.

Mas a vida, esta ignora o desamor dos homens, a vida esplende: águas cantam nas fontes, rosas vermelham nos jardins do mundo...

XXVI

ALIGRAMA

CHEGUEI. É noite. Acidentada viagem. Nem um ser de carne-osso. Sombra sequer. Se eu gritasse, eco devolveria minha voz.

Mas não estou só. Mesmo porque há os elementos. Ouço mar trabalhando. Ouço vento nas palmas. Ouço mar trabalhando e seu clamor.

Assim é, queridos. Segue carta e detalhes. Menino, tinha medo escuro, me sentia sozinho. Preciso foi meses, anos, eu descobrisse dicionário diferença certas palavras.

Insulado, não estou, medo não tenho. Nesta Ilha que é grande, pressinto floração ausências germinarem sem estrépito, presenças se tornar. Rosto apontasse na janela, iria até ele: “Entra, amigo.”

Ilha, Ilha de Páscoa, ó Solidão habitada pelo Amor ! Aqui, agora, todas as coisas rigorosamente certas, e nós – nós, os humanos – imortais.

XXVII

EXISTIR É SER OPACO

NO SÉTIMO DIA, ali pelas nove da manhã, o morto ressuscitou.

Como cãozinho novo disparou de um lado para outro a desentorpecer, mas também aloucado pela alegria de existir; depois foi à sua missa.

Atrasara-se; o ato havia findado: o “coroinha” estabanado apagava o último círio.

Alcançou Stella de preto ajeitando agapantos em seu túmulo. Como a mulher não o percebia, fez fiu-fiu; a viúva fugiu gritando.

Partiu para outros ensaios de presença e convívio. Se o ouviam, apavoravam-se, se calava, sequer o pressentiam.

No túmulo – oh amarga dor – compreendeu: ressuscitara glorioso, isto é, com aquele corpo transparente – E EXISTIR ERA SER OPACO.

XXVIII

NÃO, NÃO

QUEREM PESPEGAR uma etiqueta em você, Grite: não. Quem é você? Um homem. Não basta ? Um homem – pare e considere. E mais: um homem dentro do mundo.

Você acorda cada manhã – O sol é grande. E há os meios-dias, as tardes – flamantes, reais, suas, suas. O rastro de ouro sobre as encostas, os telhados, o mar, e no infinito: Vésper.

Imensa, a noite.

As coisas são as coisas nesse ventre, daí viemos, para aí vamos. A noite rescende como magnólia e você – Joana, Pedro, Maria, José – cada um é eterno.

À sombra do girassol de cristal, quando o silêncio é maior e os chacais rondam, então você não sente nessa hora que é mortalmente eterno?

Grite altíssimo, antes que seja amanhã: NÃO.

XXIX

OFICINA

LÁ NO ALTO, nas traves, é o céu do picumã. O tempo empreteceu as paredes, rudes tenazes pendem nos espetos de pau.

Chifre de boi para dar sorte.

O gato cofia o pelo nas pernas do rapazola de mangas arregaçadas. O bom-dia grave do mestre movimenta a oficina.

Gestos da mão laboriosa, e o aprendiz aciona o fole. O braseiro estala, fagulha – serpentinas, rubras línguas lambem o ar.

500... 1000... 1000 e muitos graus.

Encandecido, o ferro luminesce em radiações:

VERMELHAS

AMARELAS

BRANCAS.

Homem que ama interrogar qualquer grão de areia ou gota d'água, pensa na idade monocromaticamente. Instinto; depois todo Alma, mas só; e pressente a Alvorada que o espera: o reino branco do Espírito.

Os olhos do gato se dilatam (dois círculos perfeitos) anunciando esta epifania.

XXX

HISTÓRIA UNIVERSAL

1.

RECÉM-CHEGADO do jardim (trazia uma flor), o Poeta disse ao Homem:

“Amigos, a aurora levanta-se para além dos montes – é a vida.”

Crescendo das paredes de um *in folio*, o Filósofo disse ao Homem:

“Esta é a minha mensagem: conhece e ama.”

Solene nas vestes pontificais, o Sacerdote disse ao Homem:

“Pecador, outro é o teu destino, a outra pátria aspiras. Nega o demônio e seus anjos, olha para o Céu.”

Pedra a pedra, com as suas mãos, o Homem construía o seu castelo – quando lá se achou, estava entre muros, entre muros, prisioneiro.

2.

NA LANDA sem fim ia o Homem.

Na landa sem fim sob a curva azulada ia ele – o rei da Criação – nu como no primeiro dia.

E eis que um pássaro corta o ar em flecha, e lhe confia, somente por ele ouvido, um segredo.

Que não cabe em palavra, oh o segredo que não cabe em palavra de boca, aqui e agora, para sempre, dentro do Homem.

XXXI

ISTO EU QUERO

NÃO QUERO TROPEÇAR em raízes. Nem olhar para trás.

Ó antigualhas, esportivamente vos ignoro.

Vivo estou. Venho de outubro, da hora vespertina. Sou um contorno que os dias cobrem de cores, todas as gamas do arco-íris. Vai-se improvisando: alegria dos gestos originais.

Há o fardo no pórtico. Também há o fardo que levar. Cada homem tem o seu, nem tudo são flores. E o rio a vadear de traiçoeira águas. Que eu soçobre – náufrago, sairei nadando para a margem de lá.

A margem de lá, paisagem & figura humana. E as coisas. Tomo-as, as coisas escuto-as ao ouvido: são as coisas, inexoravelmente, insubornavelmente, muito obrigado!

E prossigo. Aranha, invento a minha teia, fabrico o tempo, caem moscas, que devora. Detenho todas as cartas do baralho. De repente (alguém bateu), acordarei espantado. Pronto, acabou. Isto eu quero.

XXXII

EM LOUVOR

MELANCOLIA, Melancolia, como as tuas mãos são leves! Partem os ardentes mortais para as alvoradas, magnificam-se nas altas claridades, mundos nascem do nada. Tu te calas.

Era sonho? Lá se foi, batem à porta, já , à porta, o Desespero e a Mágoa – comparsas do amor, que essa é a dura lei, a Solidão. E tu te calas.

Ei-la, a passos de seda, agora chega a Tristeza. Que megera! Não há senão que deixa-la passar, a essa bruxa, com os seus trastes e trapos. Morte, onde estás? E tu te calas.

Desce a noite; e com a escuridade, a doce Resignação. Jazemos no pó, sem mitos, sem orgulho. É a tua hora, achega-te, noiva de preto, silenciosa amiga.

Melancolia, Melancolia, como as tuas mãos são leves!

XXXIII

O QUE ÀS MÃOS ME VEM

O QUE ÀS MÃOS me vem não o cortejei. Podia não ter vindo. Talvez fique ou se vá. É o mesmo.

Se ouro em meus porões armazenei, meu não é, reparto-o com todos. Esta, a minha alegria. Vinde! Vinde!

Minha pobreza é a minha riqueza. Quanto mais cavo, mais encontro; mais dou, mais tenho. Ninguém possui mais do que eu, dono da vida.

Porque não sei entesourar, sou fonte. Enquanto fito o Sol, sou imortal. Eu levito. Quem em tal altura me alcança?

Eu voo, eu voo!

XXXIV

O DELFIM

ERA UM PRÍNCIPE de agudo olhar, educado numa corte brilhante. Algum dia aquele jovem sentaria no trono do pai para reinar.

Aconteceu que uma noite, no real salão em festa, o herdeiro atentou nos lábios dos cortesãos e cortesãs, e este meditativo olhar...

Da boca dos cortesãos e cortesãs seus olhos viram, oh! disparavam perdigotos e morcegos, umas aranhas de pelo reluzente, esterco, cacos de nada e ratazanas.

E foi silenciando aquele filho de reis. Acabou sentindo perfeitamente desnecessário a palavra. Não confidenciou a ninguém o segredo: "Se me calo – dizia – é para melhor ouvir."

Verdade que não sentou no trono do pai para reinar, aquele homem de sangue azul, porém amoroso da solidão e do silêncio, foi bastante feliz.

ORELHAS

Além de publicações editadas pelo M.E.C. e M.A., sobre biblioteconomia, bibliografia, redação oficial, imprensa escolar e traduções do francês e do inglês, XAVIER PLACER (Niterói, RJ, 1916) dedica-se principalmente à ficção e ao ensaio.

Estreando com o romance *A ESCOLHA* (J. Olympio, 1944), prosseguiu com *DOZE HISTÓRIAS CURTAS* (Agir, 1946), pelo qual conquistou o "Prêmio de Contos Afonso Arinos", da Academia Brasileira de Letras.

Em 1952, compareceu com *IMAGENS DA CIDADE* (Edições Margem), prefaciado por Otto Maria Carpeaux. É de 1956 o seu caderno de poemas em prosa *O NAVEGADOR SOLITÁRIO* (edições Margem); de 1958 a prosa poética *O SONHADOR* (Edições Margem); de 1960, *LEGENDAS DA TERRA FLUMINENSE* (Separata da Academia Fluminense de Letras).

Apresentou, em 1961, *O POEMA EM PROSA* (Cadernos de Cultura do MEC), sendo em 1955 *DUAS CONFERÊNCIAS* (J.A.Rimbaud e Panorama do moderno romance brasileiro); *IMPRESSIONISMO NA FICÇÃO* (*Raul Pompeia, Graça Aranha e Adelino Magalhães*) sua colaboração ao *A LITERATURA NO BRASIL* (Vol 3), dirigida por Afrânio Coutinho.

Colabora nos suplementos literários do *Diário de Notícias* e do *Diário Fluminense*; nas revistas *Leitura, Jornal de Letras, Letras Fluminenses, Cadernos Brasileiros* e outras.

Poeta, XAVIER PLACER é, Não romântico. Muito menos burguês disfarçado de romântico. É trabalhador consciencioso. Não improvisa. Não admite a eloquência fácil. Escreve estilo depurado dir-se-ia destilado, estilo de essências, que mais esconde do que revela os sentimentos subjetivos, neste *Imagens da Cidade* (Edições Margem, 1952).

OTTO MARIA CARPEAUX

Xavier Placer esmera-se, com mão sutil e leve, em *Imagens da Cidade*, nesse trabalho de recompor sobre a geometria rígida dos arranha-céus as curvas irregulares de uma arquitetura ideal.

BRITO BROCA

Há pouquíssimos livros como o seu *O Navegador Solitário* (Edições Margem, 1956), na nossa literatura. Causa consoladora, que num mundo agressivo e inquietante como o nosso, subsistam homens, poetas da sua fineza e da sua nobreza, autênticos navegadores solitários

MURILO MENDES

Li e reli *O Sonhador* (Edições Margem 1958) que na sua exiguidade material, contém nobres e belas páginas. Sem atropelos, sem preocupações publicitárias, você vai construindo uma obra que é fruto de longa meditação. É um espírito maduro que tem algo a dizer, e que encontra ressonância em outros espíritos sem compromissos com modismos literários

MURILO MENDES

Mas, a parte principal deste pequeno livro - *O Poema em Prosa* (Cadernos de Cultura, 1961) - é uma breve antologia do poema em prosa no Brasil, do Romantismo até os nossos dias. É valiosa a compreensão do problema. Embora tenha pretendido apenas uma aproximação, Xavier Placer o faz com bom gosto, boa técnica de informação e transcrição

AFRANIO COUTINHO